



A IDEALIZAÇÃO AMOROSA EM JÓ JOAQUIM

Daysa Rêgo de Lima¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

daysarego@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo refletir acerca da idealização amorosa, na literatura, especificamente no conto “Desenredo”, integrante do livro **Tutaméia: terceiras estórias** (1967), de João Guimarães Rosa, escritor mineiro, conhecido por grande parte da fortuna crítica como um autor regional, engenhoso e dono de literatura que ultrapassa gerações, apresentando, de forma frequente, em suas obras os valores universais, a saber: o mito, o amor, a morte. A partir desse viés, nosso estudo envereda-se na idealização amorosa em que buscaremos compreendê-la a partir do personagem Jó Joaquim que idealiza sua amada Livíria/Rivília/Irlívia/Vilíria e nutre um amor virtuoso por ela, que o faz desconstruir as falhas e culpas da mulher infiel, perdendo-a para viverem felizes para sempre. Para tanto, esse fazer teórico será pautado nos estudos de Platão (2003); Capelão (2000); Schoepflin (2004); Barthes (2003); Stendhal (2007), dentre outros, que versam sobre o discurso amoroso no contexto literário, para fundamentar nosso trabalho. Esperamos com essa pesquisa contribuir com os estudos da idealização amorosa na literatura, e também com a área de Literatura Brasileira, em especial para os estudos rosianos.

PALAVRAS-CHAVE: João Guimarães Rosa, Conto, Idealização, Amor.

¹ Bolsista CAPES.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Místico e detentor de uma grande genialidade, João Guimarães Rosa apresenta em sua literatura os valores universais, com sujeitos típicos do sertão, evocando sua cultura, história e linguagem. Assim, a temática do amor perpassa todo o conjunto de sua obra, desde seus contos, até seu único e renomado romance **Grande sertão: veredas**, essa “onde aparece entrelaçado com o problema da existência do Demônio e da natureza do Mal, atinge extrema complexidade e envolve diversos aspectos que compõem toda uma ideia erótica da vida” (NUNES, 1969, p. 143).

Em **Tutaméia: terceiras estórias** (1967), verificamos vários contos que abarcam o tema do amor como uma categoria analítica central, a saber: “Reminiscção”, “Ripuária”, “João Porém, o criador de perus”, “Curtamão” e o conto eleito “Desenredo”. Esse livro contempla quarenta contos, ambos com narrativas curtas que, desenvolvem-se em torno de uma unidade temática e contém um número reduzido de personagens. Compõe-se de quatro prefácios, “Aletria e hermenêutica”, “Hipotrécico”, “Nós, os temulentos” e “Sôbre a escova e a dúvida” estes que tem por finalidade compor “[...]”

uma profissão de fé e uma arte poética em que o escritor, através de rodeios, voltas e perífrases, por meio de alegorias e parábolas, analisa o seu gênero, o seu instrumento de expressão, a natureza da sua inspiração, a finalidade da sua arte, de toda arte” (RÓNAI, 1991, p. 529). Sendo o último livro lançado pelo autor, publicado poucos meses antes de sua morte.

Mediante isso, existe muitas as pesquisas realizadas sobre o escritor mineiro, desenvolvidas sob diversas perspectivas. Isso tem nos direcionado a analisar a idealização amorosa em que buscaremos compreendê-la no referido conto, a partir do personagem Jó Joaquim “enganado duas vezes, um apaixonado prefere perdoar à amada e, para depois viverem felizes, reabilita a fugitiva com paciente labor junto aos vizinhos” (RÓNAI, 1991, p. 534). É conveniente destacar que, apesar de existirem muitos estudos sobre as obras do autor, conforme destacamos anteriormente, as inquietações da nossa pesquisa resultam dos poucos trabalhos direcionadas exclusivamente a temática amorosa, sobretudo, na obra **Tutaméia: terceiras estórias**, visto que esse tema se



direciona, costumeiramente, ao romance

Grande sertão: veredas.

Para tanto, recorreremos aos estudos empreendidos por Platão (2003); Capelão (2000); Schoepflin (2004); Barthes (2003), dentre outros que tratam sobre o discurso amoroso e a idealização do amor no texto literário, em especial na narrativa rosiana. Por tudo isso, esperamos que esse estudo/análise, possa contribuir com o processo ensino/aprendizagem de língua materna de rede básica, mais especificamente do Ensino Médio, no trabalho com a literatura brasileira, além de um incentivo a leitura e produção literária.

O discurso amoroso: conceitos teóricos

O amor é uma forma de manifestação de doação em que a pessoa se doa incondicionalmente (mas ainda de forma parcial) àquilo que ama, seja outra pessoa, coisas materiais, entidades divinas, entre outros. Por conta disso, trata-se de um sentimento que nos transforma de uma forma tão misteriosa que chega a ser “fogo” que consome e que embora arda, não se vê, como já disse o poeta, afinal, o preço que se paga por amar, muitas das vezes, se não todas, se quer é perceptível, pelo menos enquanto se ama. No tocante ao assunto, a ideia de amor platônico reside no fato de que a

incondicionalidade ora citada, torna-se plena e não mais parcial. Isso está além de um sentimento sadio, bondoso, haja vista que aquele que ama idealiza o ser amado, e esquece até de si no momento de amar o “outro” (polissêmico).

Nesse viés, é pertinente mencionar Platão (427-347 a.c) que em seus estudos tratou do amor (Eros), este que está entre a sabedoria e a ignorância “O que adquire escapa-lhe sem cessar, de maneira que nunca se encontra, nem na pobreza, nem na opulência” (PLATÃO, 2003, p. 90-91). Filho de Poros e Pénia, Eros desenvolveu o gosto do belo e do bem a partir do pai, e da mãe herdou a pobreza e indigência “Eros tornou-se o companheiro e o escudeiro de Afrodite, porque foi concebido no mesmo dia do nascimento da deusa e, também porque Eros é, por natureza amante do belo e Afrodite é bela” (PLATÃO, 2003, p. 90).

No tocante a temática amorosa, verificamos que tudo começa com os gregos, uma vez que o primeiro debate do amor é em **O Banquete**, de Platão, com um grupo de homens – de profissões diferentes – reunidos em uma espécie de festa em que todos discursam buscando explicar e compreender o amor e o seu domínio com relação a nós. Para Platão (2003) o amor é proveniente da ausência, da carência, do que nos falta, ele incita uma busca pela verdade e pela



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

felicidade, através do belo e do bom. Assim, é inerente ao homem, sobretudo, por referir-se a essa busca como meio de inteirar-se e completar-se, esse tido como intangível, impalpável, uma espécie de apreciação do ser amado, levando-o a idealização, ao amor platônico que se refere a,

uma ponte entre o universo sensível e o universo puramente inteligível, entre o corpóreo e o espiritual, entre o relativo e o absoluto, entre o contingente e o necessário, entre o particular e o universal. Neste contexto a contribuição trazida pelo Eros vai se juntar àquela mais especificamente racional trazida pelo saber e pela ciência, que, não detendo-se nos dados oferecidos pelos sentidos, impelem o ser humano em direção à Verdade. (SCHOEPFLIN, 2004, p.13)

O amor platônico é um dos sentimentos mais enigmáticos e abstratos experienciado pelo ser humano, pois ele se motiva na virtude. Daí um amor essencialmente virtuoso, cuja valoração culmina na busca de um ser ideal, concretizado pela imaginação. O ser humano procura o amor como forma de completar o vazio que sente. A incompletude é que move

e instiga o sujeito na busca do amor, e este quando é encontrado é sempre retribuído incompleto, quem ama deseja algo que não possui. Platão (2003) afirma que o amor é a busca pelo o que é belo, ama-se a beleza, que está tanto exterior como interior, através do diálogo entre Sócrates e Diotima, a sacerdotisa “dita a Platão a concepção ideal, idealizada, e neste sentido ‘platônica’, do amor” (KRISTEVA, 1988, p. 93), Sobre Eros Kristeva nos apresenta que “Diotima em *O banquete* mostrava-se muito mais segundo a *relação de objeto idealizado* que ele pressupõe” (1988, p. 93, *grifos do autor*).

À alma platônica alada, sucederá a alma plotiniana com seu espelho narcísico. Esta mini-revolução nos legará uma nova concepção do amor: amor centrado no em si, embora aspirado para o Outro ideal. Este será um amor que magnifica o indivíduo, como reflexo do outro inacessível que amo e que me faz ser. (KRISTEVA, 1988, p. 82)

A perspectiva do amor platônico está direcionada ao amor puro e virtuoso, sobre um itinerário mais próximo à perfeição. Desse modo, o amor cortês, sobretudo, na perspectiva de Capelão (2000), tem como função levar o homem ao aprimoramento, de



modo a tornar-se melhor no sentido moral em virtude do amor, já que ele contempla a humildade, bondade, medida, dentre outras virtuosidades. Ele ainda relaciona-se ao amor platônico, pela exaltação, nesse caso, a mulher amada, um amor desinteressadamente, em que o amante torna-se submisso, inspirando a lírica provençal, de modo a assegurar a decência e pudor da amada.

O verdadeiro amor cresce diante dos obstáculos: 'Acima de tudo, dizem que o amor aumenta quando os amantes só podem ver-se raramente e à custa de grandes dificuldades; isto porque o desejo e a paixão serão mais fortes quanto maiores forem os obstáculos que os impeçam de trocar penhores de amor'. Amor é, pois, feito da tensão perpétua, do desejo sempre exacerbado que é fonte de aperfeiçoamento. É o que cantam os trovadores: 'A separação, a ausência da senhora, a recompensa que se faz esperar: essa é a atmosfera em que se desenvolve esse sofrimento delicioso. A separação torna mais intenso o desejo amoroso e o eleva. (CAPELÃO, 2000, p. XL-XLI)

Ele defende que o amor tem como função tornar o homem bom, induzindo-o a

pureza e ao primor, ao passo que o torna mais ameno, permitindo apreciar o belo e “embora a união carnal seja o objetivo do amor, [...] sua realização não é necessária” (CAPELÃO, 2000, p. XLVII). Ovídio (2006) compreende-o como um sentimento que requer a posse, o desejo físico, a necessidade do ser amado, num sentido oculto, secreto.

Stendhal (2007) vai tratar que “o amor entre duas pessoas que amam, nunca é o mesmo” (2007, p. 91), verificamos isso no conto “Desenredo”, com o sofrimento do protagonista pela sua amada, assim corroborando com mais uma concepção do autor, no que confere ao “tédio do amor virtuoso” (2007, p. 91), como se o amor bom, fosse o clandestino, uma vez que por mais honesto, íntegro, que ele possa ser, nem sempre parece satisfazer o ser amado. O autor apresenta ainda a “Cristalização do amor” quando há uma idealização do ser amado, um estado de perfeição incondicional, em que o sujeito imagina e cristaliza o ser amado. A cristalização confere a um dos estágios do amor, na concepção do autor, em que se produz uma série de qualidades que enobrece, aprimora, idealiza o ser amado quase alcançando o ápice da perfeição, um endeusamento consolidado pela imaginação.

Para Barthes a sedução faz parte de um fragmento presente no discurso amoroso, “[...] o sujeito amoroso é ‘seduzido’



(capturado e encantado) pela imagem do objeto amado (nome popular: *amor à primeira vista*; nome científico: *enamoramento*)” (BARTHES, 2003, p. 49). Essa sedução vai estar presente na narrativa, momento em que Jó Joaquim conhece sua amada “Sorriram-se, viram-se. [...] Jó Joaquim pegou o amor”.

Frente ao exposto, observamos muitas concepções que norteiam o discurso amoroso, daí verifica-se que a busca do amor sempre instigará o homem, visto que mesmo permitindo o contemplamento do belo, ele é um sentimento, essencialmente, efêmero “num só dia, tão depressa se encontra pleno de vigor e belo, vivendo na abundância, como tão depressa morre” (PLATÃO, 2003, p. 90). Nesse caso, é composto por um paradoxo, pois assim como pode levar a felicidade e ao prazer, pode concomitantemente, levar ao sofrimento e a ruína.

A idealização amorosa

O narrador inicia a narrativa como se estivesse contando oralmente a estória, e apresenta o personagem Jó Joaquim, que era um homem bom “– cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja” (ROSA, 1979, p. 38), e logo se apaixona por uma mulher casada e adúltera. Livíria/Rivília/Irlívia/Vilíria é bonita, atraente

e sedutora, e a indefinição do seu nome já propõe uma imprecisão de sua identidade, uma mulher de vários nomes – que se voltam a um anagrama – e também de vários homens, “Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás casada” (ROSA, 1979, p. 38). A metáfora na descrição do seu olhar, já sugere a aguçada percepção, característica de quem é atento a toda e qualquer ação no espaço onde está.

Dáí “Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia a que nesta observação, a Jó Joaquim apareceu. [...] Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor” (ROSA, 1979, p. 38). Os personagens logo no início da narrativa se apaixonam, no mês mais propício ao amor, maio o quinto mês do calendário gregoriano, sua etimologia descende da mitologia da Deusa Maia significando fecundidade. Um mês repleto de momentos inesquecíveis na vida de uma mulher, por referenciar: as noivas, as mães e a Maria – mãe de Jesus segundo a Igreja Católica –, assim um mês essencialmente feminino.

Ele foi movido pelo amor e não se importou com o que a sociedade poderia pensar, julgar e se deixou levar pela paixão “Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento” (ROSA, 1979, p. 38), a inocência de Jó Joaquim permite que ele e seu amor vagueiem, como uma garrafa jogada ao



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mar, como o primeiro vôo de um pássaro que não exige destino, só o contentamento.

Porém, o marido a surpreende com um amante e mata-o. Jó Joaquim ao saber do caso entre em tremenda desilusão, pois não sabia ele que além do marido ela possuía outro, “imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos” (ROSA, 1979, p. 38), atordoado, chocado e apaixonado “Jó Joaquim, derrubadamente surpreso [...] e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios [...] devolvido ao barro” (ROSA, 1979, p. 38), a forte intertextualidade bíblica no conto nos faz perceber, que pelo sofrimento do personagem que até então vivia feliz, depois da traição, passa a estar na infelicidade, caído, rebaixado, no livro do Gênesis apresenta que no sexto dia da criação Deus utiliza o barro para criar o homem, nesse caso quando o personagem é “devolvido ao barro”, é como se ele retornasse a sua origem, essência, ao nada.

Desiludido, Jó Joaquim afasta-se dela, todavia, sem demorar o marido morre, e ele enche-se de esperança e casa-se com Livíria/Rivília/Irlívia. Agora eles viveriam em plena harmonia, sem interrupções, sem contratempos, só felicidade. Porém, Jó é surpreendido pela traição da recém-esposa e sem aguentar tamanha decepção expulsa-a de casa, “triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como

formiguinhas brancas” (Rosa, 1979, p. 39). Em meio aos devaneios e desencantos desse sentimento, sempre um apaixonado sofre mais, nesse caso, Jó Joaquim. Ele passou a viver em seu “Franciscanato dolorido”, em uma espécie de penitência, sofrendo de amor, até que decide mudar, perdoa sua amada e idealiza-a, afinal “De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria os arquétipos, platonizava” (ROSA, 1979, p. 39), Livíria/Rivília/Irlívia seria inocentada, perdoada e retornaria ao lar e a vida de Jó Joaquim com um novo nome, seria outra, uma ideal.

Verificamos mais uma relação com o discurso bíblico, dessa vez com o nome do protagonista da estória – Jó Joaquim – com o personagem bíblico Jó, uma vez que ambos tinham bom caráter, “[...] era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja” (ROSA, 1979, p. 38), “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal” (Jó, 1:8), e experienciaram o sofrimento, mas permaneceram pacientes, perseverantes e munidos de fé enfrentaram as adversidades e restauraram suas vidas.

Jó Joaquim desconstrói as devassidões da sua amada, adulterando, desenredando a sua história e constrói uma nova verdade sobre ela, “todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos”



(ROSA, 1979, p. 40). Ela regressa ao lar, agora com nova conduta e identidade, chamava-se: Vilíria “soube-se nua e pura. Veio sem culpa. Voltou com dengos e fofos de bandeira ao vento” (ROSA, 1979, p. 40). Embora trouxesse um novo nome, esse ainda carregava certa suspeita, uma vez que as primeiras sílabas “Vil” remetem a uma mulher VIL, LeViana, VILã, VICiosa. Embora, as últimas sílabas referente à “Líria” estejam supostamente relacionadas ao lírio, a pureza e castidade.

O personagem nutre um amor virtuoso por Livíria/Rivília/Irlívia/Vilíria, que o faz desconstruir as falhas e culpas da mulher infiel, perdendo-a para viverem felizes para sempre. Frente ao exposto, verificamos que o amor de Jó por Livíria “Tudo desculpa, tudo crê, *tudo espera*, tudo suporta”. (1 Cor, 13:7, *grifos nossos*), apesar do sofrimento sustentado, de toda esperança investida e da paciência mantida, o amor dele se sustentou ao ponto de esquecer e perdoar, porque o amor é nobre, “é paciente, o amor é prestativo” (1 Cor, 13:4). Assim, Jó Joaquim a princípio era o protagonista da estória, mas a partir da traição da esposa passa a ser um personagem secundário, que só após a reconciliação volta a assumir seu papel, passando a ser feliz, recriando uma nova história entre eles, legitimando em ata, como documento, “e pôs-se a fábula em ata”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Eros era um meio-termo entre o terrestre e o divino, ele tinha um certo poder para influenciar a felicidade dos homens. Esse amor apresentado por Platão vai tratar do amor virtuoso, que é o que Jó Joaquim sente, que na narrativa desenvolve uma total idealização pela sua amada Livíria, Rivília ou Irlívia, “Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se” (ROSA, 1979, p. 39). Observamos a comicidade do texto, pois o amor do marido fez com que ele esquecesse os vacilos da amada, assim, vemos quão ridículo é o amor do outro.

Mediante isso, inferimos que a temática da idealização amorosa perpassa o conto analisado, com base no personagem Jó Joaquim, que nutre um amor virtuoso por sua amada, ao ponto de esquecer as traições da mulher e inocentá-la, imaginá-la como “pura e sem culpa”. A separação conforme já tratava Capelão veio intensificar o amor, o ideal de Jó Joaquim, elevando-o ao ápice da paixão, a ponto de reescrever a sua nova história amorosa, desconsiderando os equívocos cometidos pela amada no passado.

Esperamos com essa pesquisa contribuir para os estudos literários, mais especificamente, os estudos de Guimarães



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Rosa e ainda, os estudos sobre a idealização amorosa na literatura, como forma de retomar e aclarar as pesquisas desenvolvidas até o momento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. F. de. Trad. **A Bíblia Sagrada: Velho Testamento e Novo Testamento** (revista e atualizada no Brasil). São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 10. ed. Trad. H. dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007.

CAPELÃO, A. **Tratado do Amor Cortês**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERREIRA, M. E. T. **Poesia e Prosa Medievais**. Seleção, introdução e notas. Lisboa: Ulisséia, s/d.

KRISTEVA, J. **Histórias de amor**. Trad. e intr. de L. T. da Motta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

NUNES, B. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: **O dorso do tigre**. 2a ed. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 143-171.

OVÍDIO. **A arte de amar**. Trad. Dúnia Marinho da Silva. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PLATÃO. **O Banquete: o simpósio ou do amor**. 3. ed., Trad., introdução e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa Guimarães Editores, 2003.

RÓNAI, P. (org.) **Guimarães Rosa**. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Pró Memória/ INL, 1991. (Fortuna Crítica, 6) p. 527-535.

ROSA, J. G. Desenredo. In: **Tutaméia: terceiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 38-40.

SCHOEPFLIN, M. **O amor segundo os filósofos**. Tradução de ANGONESE, A. São Paulo: Edusc, 2004.

STENDHAL. **Do amor**. Trad. de Herculano Villas-Boas. Porto Alegre: L&PM, 2007.